



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Trajetórias Americanas 1 - Do século XV ao XIX: uma abordagem plural sobre a História da América

Diego Leonardo Santana Silva¹

Organizada por Rafael Araújo, Luís Guilherme Assis Kalil e Karl Schurster e contando com a participação de 19 pesquisadores de universidades brasileiras, a coleção Trajetórias Americanas acaba de ser publicada pela EDUPE/Autografia em dois volumes. No primeiro, aqui analisado^{II}, a produção se dedicou ao período correspondente ao século XV ao XIX. Época marcada pela colonização, pela construção do que seria a América na visão europeia e por movimentos de independência que pensariam o papel dos países do continente no mundo.

Muitas vezes, nós brasileiros somos criticados pela pouca aproximação com os outros povos latino-americanos em detrimento dos estadunidenses. Além disso, nossa concepção de História da América seria oriunda de uma visão eurocêntrica. Todavia, deve-se ressaltar que ao longo das últimas décadas, as pesquisas relacionadas a esse campo vêm se consolidando no Brasil por meio da ação de vastos autores e pesquisadores. Com isso, concepções sobre a temática que colocam os povos indígenas e os próprios americanos como protagonistas de sua própria história vêm ganhando força.

Visando ser uma importante iniciativa de interlocução aos estudiosos da área, a coletânea se dedicou a produzir textos que dialoguem com o conteúdo consumido em salas de aula da educação básica em prol de reforçar aos leitores as limitações das abordagens simplistas a respeito da História da América em prol de uma visão plural e complexa mesmo que, em determinados momentos, possa ser contraditória.

No primeiro capítulo “A invenção de um passado para a América e os americanos a partir da viagem do apóstolo Tomé ao Novo Mundo”, Luís Guilherme Assis Kalil apresenta uma reflexão sobre o processo de invenção da América que foi um fator fundamental para o surgimento da Modernidade e, em última instância, para o mundo em que vivemos hoje. Afinal, quando começa a história da América? Kalil problematiza a temática passando por abordagens como as de Edmundo O’Gorman e Tzvetan Todorov até um estudo sobre os relatos de uma passagem do apóstolo Tomé e sua inspiração na evangelização da região. Para o autor, “a ideia de invenção da América problematiza e historiciza algumas questões centrais sobre o início do contato entre europeus e indígenas no continente.”^{III} Temos aqui, um fenômeno oriundo do eurocentrismo que traz para a História da América uma delimitação que a insere na história quadripartite em detrimento de uma História da América pela América.

No segundo capítulo intitulado “Os ossos do Conquistador: uma história da Conquista de México-Tenochtitlan a partir da memória sobre Hernán Cortés”, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes aborda o embate militar ocorrido entre 1519 e 1521 em torno da cidade mesoamericana de México-Tenochtitlan a partir da memória sobre Hernán Cortés”. O conquistador espanhol foi um dos mais premiados pela coroa ganhando dinheiro e títulos. Fernandes aborda a construção dessa trajetória e a construção da memória desse personagem que sempre é trabalhado em livros didáticos, séries animadas e outras iniciativas de ensino da história da América Espanhola.

TRAJETÓRIAS AMERICANAS I. DO SÉCULO XV AO XIX: UMA ABORDAGEM PLURAL SOBRE A HISTÓRIA DA AMÉRICA

SILVA, D. L. S.

Adiante, o foco está nas relações entre o Velho e o Novo Mundo com o capítulo “José de Acosta e o problema da evangelização dos índios” de Francismar Alex Lopes de Carvalho. Nele, o autor analisa as propostas de evangelização dos nativos americanos discutindo o lugar de Acosta neste debate travado entre religiosos e juristas seiscentistas e setecentistas. A obra de Acosta foi importante no processo de catequização e ensino da fé cristã de maneira que fizesse sentido aos indígenas trazendo considerações como a da distinção entre costume e rito colaboraram para que a catequização jesuíta não fosse uniforme e totalizante. Desse modo, o capítulo apresenta uma reflexão a relação dual de cristianização e manutenção de alguns costumes de modo que o cristianismo fosse absorvido pelos povos indígenas ao longo do tempo.

Já Anderson Roberti dos Reis em seu “Nos limites do governo - Antagonismos, autoridades e modos de governar na América Espanhola”, traz um panorama dos desafios, dificuldades e fracassos enfrentados por governantes espanhóis na América. Enquanto no capítulo “A união das coroas ibéricas na América Meridional: fronteiras, caminhos, conexões”, Tiago Bonato trabalha o período da União Ibérica percorrendo desde a história da formação dinástica até sua absorção na América. Com isso, Bonato demonstra como essas redes de relações no período ibérico funcionavam. Para o autor: “A união das coroas, apesar de não ter tornado todos os territórios americanos unificados, gerou um aumento de possibilidades dos agentes no emaranhado de redes e conexões entre aqueles espaços”^{IV} Em seguida, Elisa Frühauf Garcia em “Reformismo borbônico e agendas nativas: negociação e conflito nas fronteiras americanas”, aborda o século XVIII, marcado pela ascensão dos borbons no Império Espanhol. As chamadas reformas borbônicas marcaram o período que alguns autores nomearam como o de “reconquista da América”. Garcia explica que a temática tem grande potencial analítico no qual o papel da América dentro desse processo reformista possui papel importante. Afinal, o que fazer com esse vasto território?

O primeiro volume se encerra com dois capítulos dedicados ao século XIX. No primeiro deles, “James Monroe, Simón Bolívar e as propostas de integração americana no século XIX”, Gabriel Passeti analisa dois importantes líderes americanos da primeira metade desse século. Essa comparação entre o presidente norte-americano Monroe e o presidente da Grã-Colômbia Simón Bolívar. Há uma diferença no modelo colonial inglês e espanhol que acabam influenciando na forma como esses líderes compreendem o papel de suas nações no continente e no planeta. O olhar em relação às doutrinas formadas por esses dois líderes não se restringiu ao século XIX, sendo influentes até hoje. Com isso, Passeti aborda a formulação de tais pensamentos contribuindo para que os interessados na temática tenham um material que sirva como ponto de partida para seu estudo.

Já em “Resistência e protagonismo indígena na Araucania e nos Pampas no século XIX”, Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack trabalha reflexões desenvolvidas nas regiões da Araucania e dos Pampas. Para isso, ela dá ênfase no protagonismo indígena e nas zonas de fronteira nas regiões chilena e argentina. A autora defende a necessidade de mais estudos sobre a história indígena na região.

Ao longo da obra, a temática é trabalhada dos séculos XVI ao XIX. Desse modo, um recorte de temas foi realizado visando cumprir o objetivo da coleção. A partir do momento em que se compreende os temas propostos de maneira panorâmica, se torna possível traçar semelhanças e diferenças e pensar esse evento e evitar generalizações. O livro traz maior ênfase na América Espanhola, mas não deixa de abordar as outras regiões.

Passando pela trajetória de personagens como Cortés, Bolívar e Monroe até a atuação jesuítica e a própria concepção do que seria a América, o livro traz uma composição

TRAJETÓRIAS AMERICANAS I. DO SÉCULO XV AO XIX: UMA ABORDAGEM PLURAL
SOBRE A HISTÓRIA DA AMÉRICA

SILVA, D. L. S.

enciclopédica na qual os capítulos podem ser trabalhados isoladamente ou em conjunto. Com isso, os autores acertam na abrangência da obra tornando-a um referencial consultivo aos interessados na temática com uma linguagem que não a restringe ao público acadêmico.

A obra também acerta na maneira a qual seu conteúdo é apresentado ao leitor, já que seu objetivo é contribuir com aquilo que é apresentado na educação básica. Evidentemente que, devido a seu tamanho e estilo, em alguns pontos um aprofundamento maior sobre determinados temas ou o uso de imagens poderiam tornar a produção mais completa. Todavia, deve-se ressaltar que tal aspecto trata-se de uma escolha dos organizadores e da produção da obra visando torná-la mais acessível ao público.

Notas

^I Doutorando em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), com bolsa Capes. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail: diego@getempo.org

^{II} A resenha do segundo volume encontra-se disponível nessa mesma edição do Boletim do Tempo Presente.

^{III} KALIL, 2022, p. 47

^{IV} BONATO, 2022, p. 180

Obra resenhada

ARAÚJO, Rafael; KALIL, Luís Guilherme Assis; SCHURSTER, Karl. **Trajetórias Americanas**: volume 1 (séculos XV-XIX). Recife: Edupe, 2022.